

O SENSACIONISMO, O PRIMADO ESTÉTICO-FILOSÓFICO DO POETA ALBERTO CAEIRO E A PROPOSTA PSICANALÍTICA DA ATENÇÃO FLUTUANTE

*Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães**
*Caio César Souza Camargo Próchno***

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar como se constitui o sensacionismo almejado nos poemas e na filosofia do heterônimo pessoano Alberto Caeiro e, também, o conceito de atenção flutuante proposto por Freud, complementado por Bion e por outros psicanalistas contemporâneos, como Bollas, Ferro e Nasio, a fim de observar as possíveis convergências e divergências acerca de ambos os conceitos no campo literário e psicanalítico. Partindo-se da interface psicanálise e literatura, foi pesquisada a proposta de Fernando Pessoa quanto à estética lançada na poesia de Alberto Caeiro e, após isso, levantou-se o conceito de atenção uniforme e parcialmente suspensa do campo psicanalítico, para, posteriormente, realizar a articulação entre os dois campos de conhecimento e entre os dois conceitos apresentados.

Palavras-chave: sensacionismo; atenção flutuante; psicanálise.

THE SENSATIONALISM, THE AESTHETIC-PHILOSOPHICAL PRIMACY OF THE POET ALBERTO CAEIRO AND PSYCHOANALYTIC PROPOSAL FLOATING ATTENTION

ABSTRACT

The objective of this study is to present how sensacionism is sought in the poems and philosophy of the heteronymous personae Alberto Caeiro and also the concept of floating attention proposed by Freud, complemented by Bion and other contemporary psychoanalysts such as Bollas, Ferro e Nasio, in

*Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia, MG, Brasil.

**Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia, MG, Brasil.

order to observe the possible convergences and divergences about both concepts in the literary and psychoanalytic field. Starting from the interface between psychoanalysis and literature, Fernando Pessoa's proposal for the aesthetics of Alberto Caieiro's poetry was researched and, after that, the concept of uniformly and partially suspended attention was lifted from the psychoanalytic field, to articulate the two fields of knowledge and between the two concepts presented.

Keywords: sensationism; floating attention; psychoanalysis.

A chamada grande literatura é de importância fundamental para a psicanálise, porque a narração ficcional de fatos novos integra acontecimentos reais ou verossímeis. Fatos se misturam em tempo e espaço, despertando no leitor horizontes inéditos e o envolvendo em situações emocionais novas ou recordadas. Assim, ambas as práticas, tanto a literária quanto a psicanalítica, atrelam-se ao despertar no Outro a reflexão, a identificação, o estranhamento e as originais possibilidades de posicionamento ou pensamento frente ao mundo e às circunstâncias.

Os psicanalistas como Freud e Bion frequentemente ressaltaram que a literatura contribui fortemente para o conhecimento do ser falante e, portanto, para a formação do analista. A literatura será, portanto, útil à análise e ao analista essencialmente, pois no texto o escritor convida seu leitor a não se ater justamente à coerência ou à elaboração secundária da linguagem emitida. Pode-se escutar, assim, uma verdade do inconsciente pelo meio constituído pela literatura, porém o analista é mais apto a ouvir os anseios, a angústia e o desejo de seu analisando, para interpretá-los.

Afigura-se, na psicanálise freudiana, de acordo com as pesquisas de Sampaio (2005), a presença da literatura: íntima e estrangeira, aliada e inimiga, objeto de fascínio e ao mesmo tempo de afastamento. Campo de ilusões e de disfarces, máscara enganadora, mas ao mesmo tempo companheira imprescindível na infundável sondagem da alma humana.

É à natureza do objeto da psicanálise que Freud remete, pois, o efeito literário de seus relatos clínicos. Para esclarecer a natureza do psiquismo, enquanto processo de produção de sentido, para pôr à mostra seu estofo ou material constituinte, é necessário recorrer a uma atitude semelhante àquela que adota o ficcionista; é necessário permitir a emergência do imaginário, da capacidade imaginativa e narrativa,

caso contrário não se dará conta daquilo que é da natureza mesma do psiquismo: o esforço permanente de significar e interpretar a própria experiência em seu decorrer na história. Na pormenorizada descrição de pensamentos e associações, no estabelecimento da sucessão de eventos significativos pelo sujeito, na reunião de estilhaços da experiência que escapam à possibilidade de significação, é ali que encontra a psicanálise a possibilidade de acesso a seu objeto (Sampaio, 2005, p. 167).

Conforme as contribuições de Sampaio (2005), ao tomar a literatura como modelo de uma construção científica, Freud conduziu o sujeito, já não mais um sujeito da razão, mas um sujeito atravessado pela ordem das paixões, no centro mesmo da produção da realidade, um sujeito inconsciente, que não pode ser considerado em si mesmo, mas como uma produção empreendida pelo imaginário.

O alcance da psicanálise e da literatura como formas de apreciação da condição humana, refere-se, para Rancière (2009), ao conceito do inconsciente freudiano, que se apoia na literatura e nas artes em geral, ao mesmo tempo assinalando relações de cumplicidade e de conflito com a estética. Os estudos estéticos de Freud marcam a inscrição do pensamento analítico na interpretação do pensamento estético uma vez que é desenvolvido sobre os elementos da arte e no qual se procura dizer em que a arte consiste enquanto informações do pensamento: o inconsciente é estabelecido e efetivado porque ele já existe fora do terreno propriamente clínico e no âmbito de identificação das obras de arte e da literatura.

Através da leitura do conto *Der Sandman* [O homem de areia], do escritor romântico alemão, E. T. A. Hoffmann, Freud foi incitado a escrever o seu artigo: *Das Unheimliche* [O inquietante] (1919/2010). O sentimento da “inquietante estranheza familiar”, tal como seria a melhor tradução para a palavra alemã, descrito pelo psicanalista é, nesse sentido, o produto fundamental de análise do conto acerca do fenômeno do duplo e das manifestações derivadas do inconsciente. Freud inclina-se a trabalhar com outras camadas da vida psíquica; com emoções atenuadas, que dependem de fatores concomitantes constituídos pelo material oferecido pela estética.

O inquietante poderia ser nomeado enquanto uma espécie de elemento assustador que retoma algo conhecido e bastante familiar. A

vivência da sensação de estranheza, da “inquietante estranheza familiar”, depende de condições simples e tem uma abrangência das mais complexas.

O sentimento do inquietante, portanto, de acordo com Freud (1919/2010), está diretamente ligado à figura do Homem de areia, visto que o medo de ferir ou perder os olhos, como destaque em um dos temas da narrativa, é uma angústia infantil, embora muitos adultos ainda a conservem. Nos estudos psicanalíticos do autor acerca dos sonhos, das fantasias e dos mitos, o medo em relação a ficar cego é frequentemente um substituto para o medo da castração. O ato de cegar-se, que remete a Édipo, é uma forma amenizada do castigo da castração. Ainda, sobre o aspecto inquietante do Homem de areia, Freud refere-se ao angustiado complexo infantil da castração e ao retorno do recalçado.

Alberto Caeiro, como heterônimo e mestre até mesmo de Fernando Pessoa ortônimo, em sua poética confere ao movimento sensacionista, primado filosófico e estético, a sensação como única realidade da vida. Freud (1995; 1940 [1938]/1996), contudo, aponta que o inconsciente é constituído por pensamentos e por pensamentos inconscientes, sendo que o campo pulsional não é dividido entre o pensar e o sentir.

A atividade do aparelho mental regula os sentimentos de prazer e desprazer: sentimentos desagradáveis estão relacionados a um aumento de quantidade de energia no aparelho psíquico, e o prazer relaciona-se à diminuição do estímulo. Para Freud (1995), o pensar produtivo, que é o alicerce de todo o pensar, visa repetir a vivência de satisfação ao trabalhar com ocupações psíquicas.

Na psicanálise, aquilo que permite ao analista estar livre de julgamento, de antecipações, focalizando o tempo presente e tentando estar acessível ao que é verbalizado de novo, de diferente no campo do discurso e comportamento do analisando, recebe o nome de atenção flutuante. No entanto, Freud (1995) ressalta que, no julgar primário, não se introduzem modificações no curso associativo, pois ele apenas compara o complexo perceptivo presente com a imagem do objeto de desejo, mas no curso eliminador está completamente sob o domínio das associações estabelecidas na vivência da satisfação.

Portanto, o objetivo deste estudo é o de apresentar uma leitura acerca do “sensacionismo” almejado nos poemas e na filosofia do

heterônimo pessoano Alberto Caeiro, desenvolver o conceito de atenção uniformemente suspensa de Freud e de “sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão”, proposto por Bion (1967/2016), a fim de observar as possíveis convergências e divergências ao modo de percepção da realidade em ambas as práticas: a proposta pelo poeta e o conceito psicanalítico.

Foi feita a apresentação do poeta Fernando Pessoa e seu heterônimo Alberto Caeiro e uma breve apresentação do que é constituído como sensacionismo; em seguida, enfocou-se a questões da atenção flutuante – atenção uniformemente e parcialmente suspensa – a partir das formulações feitas por Freud (1912/1996; 1923 [1922]/1996) e do conceito de “sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão”, desenvolvido por Bion (1967/2016), e a complementaridade de tal conceito, vindo a ser proposto pelos psicanalistas contemporâneos, como Bollas (2012), Ferro (2011) e Nasio (2010), a fim de observar a significância permeada pela temática. A articulação com o objetivo geral da pesquisa congrega uma leitura da poética de Alberto Caeiro e os elementos da regra fundamental da psicanálise – a atenção flutuante.

O MODERNISMO: FERNANDO PESSOA E ALBERTO CAEIRO

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888. Em 1896, sua família se transfere para a cidade de Durban, na África do Sul, onde ele cursa o secundário e cedo revela sua vocação para a literatura. Em 1903, ingressa na Universidade do Cabo. Fernando Pessoa, educado em inglês, adquire gosto pela poesia lendo Milton, Byron, Edgar Allan Poe e outros poetas de língua inglesa (Reis, s.d.).

Em 1915, a revista *Orpheu* foi fundada por Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e outros amigos, como Almada Negreiros e Luís de Montalvor, o que representou o marco inicial do Modernismo em Portugal.

Ao escrever sobre Fernando Pessoa, o poeta mexicano Octavio Paz (1982) declara que os poetas não têm biografia, pois sua obra é sua biografia. Afirma, ainda, que, no caso de Pessoa, nada em sua vida é surpreendente, exceto seus poemas. Homem de vida pública modesta dedicou-se a inventar. Por meio da poesia, criou outras vidas, despertando, assim, o interesse por sua própria vida tão pacata. Tornou-se, portanto, o enigma em pessoa.

Mais do que meros pseudônimos, outros nomes com os quais um autor assina sua obra, os heterônimos são invenções de personagens completos, que têm uma biografia própria, estilos literários diferenciados e que produzem uma obra paralela à do seu criador. Além disso, Fernando Pessoa viveu durante os primórdios do Modernismo, uma época em que a arte se fragmentava em várias tendências simultâneas, as chamadas vanguardas: Expressionismo, Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo e muitas outras. Fernando Pessoa, introdutor das vanguardas modernistas em Portugal, ao se dividir levou a fragmentação da arte moderna às últimas consequências. Ainda sobre os heterônimos, Pessoa explicou em detalhes a “vida” de cada um de seus heterônimos. Com isso, apresenta a vida do mestre de todos, Alberto Caeiro:

Nasceu em Lisboa, mas viveu toda a sua vida no campo. Não teve profissão, nem educação quase nenhuma, só instrução primária; morreram-lhe cedo pai e mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivía com uma tia velha, tia-avó. Morreu tuberculoso (Pessoa, 2006, p. 14).

Como mestre dos outros heterônimos e do próprio Fernando Pessoa ortônimo, Caeiro, ao contrário destes, conseguiu submeter o “pensar ao agir”, o que lhe permitiu ambicionar: viver sem dor; envelhecer sem angústia e morrer sem desespero; não procurou encontrar sentido para a vida e para as coisas que o envolviam; sentir sem pensar e ser um ser uno (não fragmentado).

Pessoa cria uma biografia para Caeiro que se encaixa com perfeição à sua poesia, como se pode observar nos 49 poemas da série: *O guardador de rebanhos*, *O pastor amoroso* e em *Poemas inconjuntos*. Esse processo criativo espontâneo traduz exatamente a busca fundamental de Alberto Caeiro (Pessoa, 2006, p. 14), a busca pela completa naturalidade:

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
 Se falo na natureza não é porque saiba o que ela é.
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem por que ama, nem o que é amar...

Caeiro escreve com linguagem simples e o vocabulário limitado de um poeta camponês pouco ilustrado. Pratica o realismo sensorial, em uma atitude

de rejeição às elucubrações da poesia simbolista. Adere à temporalidade estática, cuja vivência é o presente, porque não pretende ter conhecimento do passado e nem mesmo do futuro. É um tempo objetivo que coincide com a sucessão dos dias e das estações. Desse modo, o poeta prende-se à eterna novidade do mundo, ao relacionamento direto com o Universo.

O poeta coloca-se, portanto, como inimigo do misticismo, que pretende ver “mistérios” por trás de todas as coisas, porque “pensar é estar doente dos olhos” – ou seja, os conceitos se reduzem às coisas. Como antimetafísico, deseja abolir a consciência dos seus próprios sentimentos ou “vício de pensar”, pois, segundo Caeiro, “as coisas não têm significação: têm existência, a qual é o seu próprio significado” (Pessoa, 2006, p. 79). Faz da oposição à reflexão a matéria básica das suas reflexões, as quais, nesse paradoxo, se aproximam da atitude zen-budista de pensar para não pensar, desejar não desejar. Caeiro busca ver as coisas como elas são, sem refletir sobre elas e sem atribuir-lhe significados.

Tenta-se, então, captar na sua essência irreduzível os fundamentos e motivações desse sensacionismo que alimenta os heterônimos pessoanos. Caeiro é o poeta das sensações verdadeiras, pois cultua os cinco sentidos, com predomínio das sensações visuais e auditivas. De acordo com Reis (s.d.), em um texto escrito por volta de 1916 Pessoa esboçara alguns princípios constitutivos de sensacionismo:

Para passar de mera emoção sem sentido à emoção artística, ou susceptível de se tornar artística, essa sensação tem de ser intelectualizada. Uma sensação intelectualizada segue dois processos sucessivos: é primeiro a consciência numa sensação de ordem diferente; é, depois, uma consciência dessa, e esse fato de haver consciência, isto é: depois de uma sensação ser percebida como tal – o que dá a emoção artística – essa sensação passa a ser percebida como intelectualizada, o que dá o poder de ela se expressar. Temos, pois: a sensação, puramente tal. A consciência da sensação, que dá a essa sensação um valor, e, portanto, um cunho estético. A consciência da sensação, de onde resulta uma intelectualização, isto é, o poder de expressão (Reis, s.d., p. 190).

Para Reis (s.d.) a relação do sensacionismo de Alberto Caeiro com o Modernismo se efetua a partir de seus mais salientes vetores ideológico-culturais e se explica pela função de reação ao tempo da modernidade.

Em um contexto histórico-cultural muito sensível ao progresso da técnica e vivendo ainda as sequelas do racionalismo positivista, Caieiro prefere afirmar diretamente a precariedade existencial do homem e a necessidade de, por força dessa precariedade, recuperar a inocência perdida que, somente pelo contato com a Natureza, é possível reencontrar. Mas, ao mesmo tempo, Caieiro despreza também as alternativas espiritualistas que o pensamento ocidental, na passagem do século XIX para o século XX, brandia contra as ilusões da técnica e da ciência.

Perfilhando o sensacionismo como filosofia de vida e processo de conhecimento, Caieiro não se limita a recusar uma cosmovisão de proveniência romântica, de natureza idealista e fundada, no que à criação artística diz respeito, no princípio da inspiração como atitude irracional; para além disso, a afirmação do primado das sensações e, mais do que isso, a sua dupla intelectualização (que permite uma expressão artística em que o intelecto disciplina a emoção) podem ser entendidos como reação epocal bem determinada: contra qualquer tipo de preocupação metafísica. O que acaba por conduzir a um ceptismo (científico, filosófico, religioso) que Caieiro assume de forma frontal e algo desenvolto (Reis, s.d., p. 191).

Ao usar a linguagem, Caieiro recorre naturalmente a uma rede de nomes que o faz mergulhar em uma atmosfera inventada que compromete e particularmente anula o desejo de apropriação do real sem interposição de filtros e nem intermediários. E, no entanto, o poeta esforça-se nesse sentido, ao conceber uma poética da simplicidade que refuta convenções ou tradições instituídas: a razão e a metafísica. Contudo, há um paradoxo, pois Caieiro é avesso à filosofia e às crenças ideológicas, mas propõe a sua teoria do não-pensar.

O realismo ingênuo pretendido por Caieiro crê na percepção das coisas realmente, isto é, os sentidos direcionam a representação do mundo: não nega haver ilusões da percepção, mas reivindica a forma com que os objetos são apresentados, não estando na mente, mas fora dela. O poeta, com isso, deseja estar distante do realismo científico, contudo, ao adotar a teoria do não-pensar valoriza a impossibilidade de uma realidade pré-discursiva, ou seja, a incapacidade para se abarcar o inassimilável diante das experiências da existência, do desconhecido e do infinito.

A ATENÇÃO FLUTUANTE

Freud, referindo-se ao tratamento de Anna O., em 1882, aponta Breuer como aquele a quem deva ser concedido o mérito de ter trazido a psicanálise à luz. A paciente apresentava alucinações e solicitou não ser interrompida em sua fala, pois “queria limpar sua chaminé” (*chimney sweeping*), “curar-se pela palavra” (*talking cure*), ou seja, a emoção seria expulsa pela eliminação sistemática dos afetos ligados às emoções. Com isso, a partir desses “diálogos-experiências” ocorre a “catarse”, diz Breuer, em referência ao rito antigo de “purificação da alma” (Fingermann, 2007; Forbes, 2009).

A inspiração de Freud para com a criação da regra fundamental da psicanálise – a associação livre – veio por meio do escritor alemão, Ludwig Börne, em “Como se tornar um escritor original em três dias”. A sugestão no livro era de que: “Durante três dias consecutivos, escreva tudo que lhe vier à cabeça. Você ficará espantado diante dos pensamentos originais e surpreendentes que saíram de sua mente” (Forbes, 2009, s.p.). Portanto, para Mezan (1995), o que Freud postula como sendo a regra fundamental da psicanálise é, justamente, a livre associação, ou seja, a suspensão da crítica lógica e da censura moral exercida sobre os processos mentais. Convidar o paciente a “dizer tudo o que lhe venha à cabeça” equivale a abandonar-se à aparente ilogicidade do processo primário. O inconsciente é o pulsional, o arcaico, as representações e afetos governados pelo processo primário e pelo princípio do prazer.

Sendo assim, o saber surgiria a partir de um método, porque o que foi dito ganharia um novo sentido ao possibilitar a saída da cena imediata – ego a ego (eu e você) – para outra cena, outro lugar, onde aquilo que é dito ganha um curso novo que ultrapassa aqueles dois – analista e paciente – que estão conversando.

A linguagem é a condição do inconsciente, pois é a condição do humano: alienado e forçado à sua “representação” pelo sistema de signos que possui, está fadado à divisão, ao desvanecimento e à intermitência. O “Penso, logo sou” cartesiano marca curiosamente a partição entre o “eu sou” e o “eu penso” (Fingermann, 2007, p. 25).

Os conceitos para Fingermann (2007) permitem apreender a função da fala no campo da linguagem na técnica analítica – seus significados e significantes. A associação livre, entre dizer tudo e dizer qualquer coisa,

trabalho forçado sem escapatória, tende à posse do dito e de sua estrutura, assim como do não dito e das vontades de costura que ele implica. A transferência orienta esses dois eixos, e seu manejo pelo analista divulga sua coerência mais do que denuncia a sua patologia. Já a atenção flutuante é um procedimento fundamental do tratamento da inscrição do neurótico e, também, como a contrapartida do analista à associação livre do paciente.

A Regra Técnica Fundamental do procedimento da “associação livre” foi desde então mantida no trabalho psicanalítico. De acordo com Freud em “Dois verbetes de enciclopédia” (1923 [1922]/1996), o tratamento é iniciado convidando o paciente a colocar-se na posição de um auto-observador atento e espontâneo, comunicando a todo momento o plano de seus sentimentos, pensamentos, sensações e buscando ser honesto consigo e com o analista ao não reter a comunicação de nenhuma ideia, mesmo que sentindo que ela seja desagradável, julgando-a absurda, sem importância demais ou irrelevante para o que está sendo buscado.

A nova técnica, ainda conforme a invenção do autor (Freud, 1923 [1922]/1996), modificou grandemente o quadro de tratamento devido ao fato de ter situado o médico em uma relação nova com o paciente cujos resultados surpreendentemente diferenciaram-se do método catártico em termos de procedimento, sendo necessário atribuir-lhe original denominação.

A técnica psicanalítica, no entanto, é simples, segundo Freud em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (1912/1996), pois não requer nenhuma composição especial, nem mesmo adere à tomada de notas. Consiste em não conduzir-se a alguma restauração para algo específico e manter-se em “atenção uniformemente suspensa” ante o que se escuta. A partir disso, é conservado o intenso esforço da atenção flutuante, já que a mesma não poderia ser mantida por várias horas diariamente, evitando-se, com isso, o perigo do exercício da atenção deliberada.

É inevitável que, ao se concentrar a atenção, isto é, se fixar em um ponto na mente com clareza particular, outro será correspondentemente negligenciado. Mesmo efetuando a seleção, o médico, segundo Freud, se seguir expectativas, está se arriscando a nunca descobrir nada além do que já se sabe; e, se adotar as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber, porque o que percebe poderá servir aos paradoxais propósitos do inconsciente de se revelar de forma disfarçada. Também

não se deve esquecer que o que se escuta são, na maioria das vezes, coisas cujo significado é identificado apenas posteriormente: em um primeiro momento tem-se o conteúdo manifesto e, após, com o manejo do trabalho analítico, o conteúdo latente.

Ver-se-á que a regra de prestar igual reparo a tudo constitui a contrapartida necessária da exigência feita ao paciente de que comunique tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção. Se o médico se comportar de outro modo, estará jogando fora a maior parte da vantagem que resulta de o paciente obedecer à “regra fundamental da psicanálise”. A regra para o médico pode ser assim expressa: “Ele deve conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à ‘memória inconsciente’”. Ou, para dizê-lo puramente em termos técnicos: “Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa” (Freud, 1912/1996, p. 126).

O analista deve ajustar-se ao paciente, assim como um receptor telefônico se encaixa ao microfone transmissor, de forma que o receptor modifique as ondas sonoras e as oscilações na linha telefônica, de maneira que o inconsciente do médico seja capaz de, por meio dos derivados inconscientes que lhe são transmitidos, reconstruir esse inconsciente, que foi permitido através das associações livres do paciente.

Assim como o receptor transforma o novo estímulo em ondas sonoras, as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas pelas ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente que determinou as associações livres do paciente. Bollas (2012, p. 41) destaca: “Assim, para seres conscientes, somos um tanto quanto adormecidos. Aquilo que aprendemos, descobrimos quando não estamos despertos. Vivemos com nossos pacientes, de inconsciente para consciente”.

Talvez posassem ser simpáticos àqueles analistas que se precipitam e reivindicam o conhecimento sobre o que está “acontecendo realmente” em uma hora. Afinal, é um lugar difícil de estar, a posição psicanalítica. Não se descobre muita coisa – e, ainda assim, se está rodeando pelo movimento do significado. Porém, se sentirmos empatia pela necessidade de “saber” em meio à avassaladora complexidade da expressão mental, devemos, ao mesmo tempo, ter bastante cautela com qualquer

psicanalista, ou grupo de analistas, que alegue ter encontrado um modo de decodificar o inconsciente (Bollas, 2012, p. 41).

O funcionamento do analista como um receptor adequado ao material do paciente, possibilitado pelo “deixar-se levar”, por meio da atenção livremente flutuante, é um estímulo derivado da pulsão epistemofílica, a qual busca por respostas e promove novos questionamentos, que permitirão o acesso a novas linhas de pensamento do inconsciente profundo, criado pela dupla paciente-analista, a essência do trabalho analítico, que poderá ocorrer.

Com isso, a técnica psicanalítica originalmente desenvolvida por Freud, concentrava-se principalmente na estrutura e no funcionamento mental do paciente, sugerindo ao analista ocupar a posição de ser fundamentalmente um instrumento do ato psicanalítico. O analista em atenção livremente flutuante poderia ler as comunicações das associações livres do analisando por meio da “percepção consciente”, isto é, a capacidade de descobrir padrões ou, no caso da fala, a lógica sequencial. De acordo com Bollas (2012), todavia, tal modelo foi abandonado em favor da repressão, pois tudo o que não estivesse em convergência com o modelo do inconsciente descritivo, com a implicação de que não se fazia parte da dinâmica da sexualidade e agressão, não seria adequado à técnica psicanalítica.

Nasio (2010) acentua que a escuta flutuante seria o fluxo e veículo de um Outro lugar que se sustenta com a neutralidade, isto é, etimologicamente: “não abolir” (*ne-uter*), nem a si, nem a seu paciente. O analista, além de escutar o que está nas palavras, escuta também o que as palavras não dizem. Escuta com a “terceira orelha” o que diz o paciente e as suas próprias vozes interiores – surgidas pelo seu inconsciente.

O analista determina, a partir do material produzido pelo paciente, a interpretação. No entanto, há um destaque, segundo Bion (1991), no qual dois grupos de ideias prevalecem: as relativas ao material do paciente e as referentes ao corpo da teoria psicanalítica. A teoria, contudo, torna-se rígida, devido a sua concretude, mas, por outro lado, é aberta à multiplicidade, ao permitir que os analistas produzam uma nova teoria *ad hoc*, utilizada de modo adequado às existentes. A particularização necessária a isso implica multiplicar teorias e permite ao analista encontrar a equivalência entre o pensar do paciente e o corpo principal da teoria

psicanalítica, pelas interpretações que intimamente vinculam teoria e seus enunciados aos comportamentos do paciente.

O analista teria que ser paciente e se manter em silêncio, a fim de permitir a livre associação do analisando e, por outro lado, atender à necessidade de estar em atenção uniformemente suspensa. Todavia, para Bollas (2012) essa postura estoica faz com que o analista, congelado em uma neutralidade, torne a prática imprópria, incorporada por aqueles analistas que ficavam esperando pelos retornos do reprimido: os momentos em que um significante parecia dizer tudo ou quando ocorria um ato falho, com uma intervenção inconsciente. No princípio, na era verdadeiramente clássica da psicanálise, o analista se matinha em silêncio porque estava profundamente envolvido em um processo mútuo, no qual ambos os participantes facilitavam um fluxo de ideias que se mostrasse esclarecedor.

A atividade física implicada na palavra, a qual é distinta do processo de verbalização reflete a descarga de afetos regressivos que acompanham as ideias recalçadas. Além do mais, a liberação dos afetos estaria na origem do fracasso da manutenção do recalque. A respeito do silêncio do analista, Nasio (2010, p. 192) esclarece: “A arte do analista é bem a de solicitar a palavra até que se esgotem as últimas miragens. O silêncio do analista convoca esse nada a dizer. Não é uma demissão nem uma ausência, e o silêncio que instaura não é um vazio, mas uma outra presença num silêncio compartilhado”.

Contudo, de acordo com Figueira (1994), há o superego técnico introjetado do analista, sendo necessário o controle de interferências indesejáveis do mesmo por parte da mente, a fim de evitar a derivação egoica (ou individuação) da técnica. Portanto, com isso, a dissecação da mente do psicanalista, facilmente é perceptível que entre o ouvir e o interpretar exista sempre um superego técnico psicanalítico, que varia em estrutura e funcionamento de analista para analista, mas que, entretanto, tem sua origem na importante codificação que Freud fez do primeiro superego técnico.

A ATENÇÃO FLUTUANTE E O SENSACIONISMO

Existem experiências não-sensorialmente apreensíveis ou, em linguagem utilizada pelos filósofos, experiências não-sensíveis. Segundo Sandler (2000) existe a percepção da existência do inconsciente e até mesmo, contrassenso

em termos, “percepção inconsciente”. Não se trata apenas, com isso, de o consciente substituir o inconsciente e assim estender o campo de percepção, mas de perceber, de intuir a sua existência e seu campo infinito de possibilidades. Por exemplo, a percepção individual de inveja não implica domínio ou eliminação da característica invejosa. Implica levar-se em conta tal traço e estar vigilante. Nesse sentido, pode-se falar em “percepção do inconsciente”, “percepções inconscientes” e “emoções inconscientes”.

Um inconsciente sendo percebido em sua própria existência, não em sua essência ou alguma pretensa materialidade que ele não possui, a despeito das várias descrições de seu funcionar. [...] Perceber a existência equivale a experimentar e apresentar, sendo vivido. Não implica conhecer em sua plenitude, totalidade, essencialidade e extensão, e muito menos explicar, entender, desvendar símbolos que solucionam o mistério que distinguem a chama do desconhecido. Conhecer o inconsciente os seus conteúdos de modo causal ou final seria conhecer “O” (Sandler, 2000, p. 24).

A respeito das percepções inconscientes, Freud (1940 [1938]/1996) menciona as relações entre a percepção e o aparelho psíquico, uma vez que tais mecanismos são possíveis em virtude dos supostos elementos psíquicos do id (processo primário), os quais diferem da percepção consciente da vida intelectual e afetiva. Contudo, o id isolado do mundo externo possui um universo próprio de percepções, em especial oscila entre as necessidades pulsionais, que se tornam conscientes como sensações, na série prazer e desprazer. Estabelecidas as autopercepções – sensações cinestésicas e sensação de prazer-desprazer governam com soberana tirania os processos do id. A percepção corresponde a um núcleo de um objeto, uma espécie de miragem de movimento, que, necessariamente tem uma identidade, mas apenas em delegação. Os registros funcionam como uma forma de expressão que se abre a uma significação fornecida pela consciência (Freud, 1995).

A conexão entre o sujeito inconsciente das obras poéticas e o do universo psicanalítico possibilitaram a Freud (1907 [1906]/1996, p. 20) evidenciar as ligações entre os escritores e a intuição dos mesmos frente a conteúdos estudados pela psicanálise:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não deixou sonhar.

Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.

A atenção flutuante instala na mente do analista um estado de percepção resultante de um estado de consciência capaz de conduzir a um “sonho de vigília”. Aprender a compreender tal campo mental significa, para Bion (1991), que a consciência se vincula a impressões sensíveis e de interesse imediato, porque são reais, e, ao sofrer influências do princípio do prazer e da realidade sobre a necessidade na qual ele se vê, o sujeito do inconsciente pode modificar a realidade ou fugir dela.

Nos estudos de Bion (1967/2016), ele complementa as contribuições de Freud quanto ao conceito de atenção uniformemente suspensa, ao expor a noção de “sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão”, ou seja, haveria uma mudança na atitude interna do analista, com a adequada mobilização dos órgãos dos sentidos, o que possibilitaria um máximo de intuição. Assim, a memória sempre seria ambígua como registros de fatos, por estar induzida pela influência das forças inconscientes. Os desejos distorceriam o juízo porque selecionam e suprimem o material a ser ponderado.

Alberto Caeiro, com a sua técnica criativa do sensacionismo, que procura a abertura dos sentidos frente às experiências, não retém essas vivências a partir de um período anterior, nem posterior, porque anseia pela eterna novidade do mundo, do realismo sensorial e do “sentir, sem pensar”, isto é, a abertura em direção às sensações e à contínua descoberta. Tal conduta que privilegia o encontro com as sensações, pode ser observada em *O guardador de rebanhos* (Pessoa, 2006, p. 48):

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto.

E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz

O pensar, para Freud (1995), é mais difícil quanto maior for a influência do afeto. Entre a série do pensar e a série das representações de palavra existe somente uma correspondência e não uma identidade. O pensar consciente é um falar com a intensidade suficiente para produzir uma fala. Assim, o pensamento não tem conteúdo proposicional, apenas as representações de fala que se ligou a algumas de suas estações.

A recomendação de o analista abolir a sua memória e os seus desejos, para Bion (1967/2016), refere-se tão somente ao inconveniente, sob a forma de pré-conceitos, pré-juízos e de uma pouca receptividade, tornando plausível que sua mente esteja saturada com as memórias, os desejos e uma ânsia de compreensão imediata. A memória, com isso, é sempre enganosa, porque o registro de um fato pode ser distorcido pelas influências inconscientes. Os desejos distorcem os julgamentos pela seleção e supressão do material a ser julgado. Memória e desejos promovem a capacidade derivada de impressões dos sentidos. Memórias e desejos lidam com impressões sensoriais, do que é suposto ter acontecido, e impressões sobre o que ainda não aconteceu.

No instante em que uma pessoa ficar ocupada com aquilo que ela quer que aconteça, com aquilo que aconteceu, com aquilo que ela sabe sobre o paciente ou sobre a psicanálise, menos campo restará para a dúvida e para a abertura de significações. Quando se está cansado, é difícil ser receptivo. Caeiro, de forma similar, porém em um outro campo de conhecimento – o literário –, adota a teoria do “pensar para não pensar” ou “desejar não desejar”, porque a sua experiência do universo e das coisas em si não estaria saturada de recordações *a priori* – seria um constante movimento de “desaprendizado”, de antecipações da falsa ilusão de se considerar o domínio pleno da realidade e do instante, que seria circundado através da originalidade permanente:

O que nós vemos das coisas são as coisas.
 Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outras?
 Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?

Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
 Se ver e ouvir são ver e ouvir?
 O essencial é saber ver,
 Saber ver sem estar a pensar,
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa.
 Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
 Isso exige um estudo profundo,
 Uma aprendizagem de desaprender
 E uma seqüestração na liberdade daquele convento
 De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
 E as flores as penitentes convictas de um só dia,
 Nem as flores senão flores,
 Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

(Pessoa, 2006, p. 63)

A consciência da apreensão da sensação é resultante do exercício do pensar, desse estado de deslumbramento da mesma. Há também de se considerar o repúdio do poeta frente ao significado oculto das coisas, isto é, do mistério e do misticismo. Freud (1923 [1922]/1996), contudo, vem nos dizer que o material produzido pelas associações do paciente teria um significado oculto – o conteúdo latente – e seria necessário descobrir, a partir dele, esse sentido. A experiência mostrou que a atitude que o analista poderia adotar era entregar-se à sua própria atividade mental inconsciente, em um estado de atenção imparcialmente suspensa, a fim de evitar, tanto quanto possível, a reflexão e a construção de expectativas conscientes, não tentar fixar particularmente coisa alguma que ouvisse na memória e, por esses meios, aprender o curso do inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente.

O ponto mais importante de qualquer sessão é o desconhecido. Não se torna possível estabelecer antecipadamente o significado de uma formação inconsciente, pois ela sempre será um significante, nunca um signo. Para tanto, o sentido de um significante é revelado apenas a partir das conexões evidenciadas com os outros significantes.

Desse modo, sabemos e não sabemos o que paciente está falando, pois se tem conhecimento, aparentemente, do conteúdo manifesto. Para

o exame do tratamento e para a descoberta do conteúdo latente e suas implicações, na associação livre o paciente deveria estar acessível e sem censura, essencialmente, aos seus pensamentos, enquanto, o analista buscaria estar aberto às sensações produzidas por esses pensamentos, quando verbalizados ou atuados pelo analisando.

Caeiro, portanto, destaca o estado de mistério que ronda o significado das coisas, embora, para ele, a mente e o sentir deveriam estar isentos do teor simbólico e denso do que há por trás das coisas:

O mistério das coisas, onde está ele?
 Onde está ele que não aparece
 Pelo menos a mostra-nos que é mistério?
 Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
 E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
 Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam delas,

 Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
 Porque o único sentido oculto das coisas
 É elas não terem sentido oculto algum.
 É mais estranho do que todas as estranhezas
 E do que os sonhos de todos os poetas
 E os pensamentos de todos os filósofos,
 Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
 E não haja nada que compreender.
 Sim, eis que os meus sentidos aprenderam sozinhos: –
 As coisas não têm significação: tem existência
 As coisas são o único sentido oculto das coisas.

(Pessoa, 2006, p. 79)

A rejeição da memória, do tempo futuro e do desejo é imprescindível para deixar espaço para uma nova ideia, assim como na filosofia de vida de Caeiro. Para Bion (1967/2016) pode ser que um pensamento, uma ideia não reivindicada esteja flutuando pela sala de análise procurando por uma decifração, embora o analista deva ser capaz de não saber. O analista deverá estar liberto, assim como um barco sem leme, rumo ao desconhecido, aos mistérios e ao infinito.

De acordo com Ferro (2011), o estado mental do analista e as qualidades de seu funcionamento (“sem memória, sem desejo e sem ânsia

de compreensão) efetuam-se como uma das variáveis do bom ou mau funcionamento do analista, que será como um espelho para o paciente, isto é, da relação da dupla e das emoções vivenciadas por ambos, que deverão ter ou não condições de tolerá-las.

[...] o paciente funciona como espelho do afastamento do analista, ao qual permite não só a recuperação na relação, mas também observar quais são as emoções que não teve condições de tolerar (em virtude de suas zonas escuras e oclusas ou com cicatrizes extremante doloridas. [...] o paciente torna-se alguém com condições de nos dizer, constantemente, como e onde estamos para ele, a partir de vértices a nós desconhecidos (e se isto, muitas vezes, pode não nos agradar, pode também satisfazer a nossa necessidade de busca da verdade), além de fazer continuamente experiência a respeito do nosso funcionamento mental (Ferro, 2011, p. 56).

Ainda, a mente do analista funcionaria como um pólo receptivo, afastando-se da distante noção de neutralidade. Ao suspender a atenção habitual e deixar-se levar pelas associações do paciente, o analista acabará por seguir o fluxo de seu próprio inconsciente. Além do mais, Bion (1967/2016) pontua acerca de uma “atenção suficientemente boa”, ou seja, uma atitude de receptividade total ao discurso do paciente, a qual é função da experiência e do aprendizado teórico por parte do analista: certos conteúdos encontrarão uma escuta mais atenta.

Logo, a supressão do conhecimento e da busca imediata pelo entendimento da linguagem comunicante do analisando deve estar suspensa, a fim de se alargar o campo de sentidos, das sensações do que é narrado e percebido.

Caeiro entrega-se à captura dessas sensações do ambiente e das coisas como forma particular, individual e interna de experienciar o que é apreendido pelo órgão dos sentidos; no entanto, faz o movimento de impedir a produção de memórias e desejos do que é mobilizado no campo do pensamento, ou seja, de forma análoga ao “cegar-se artificialmente” de Freud, aderindo para si o “fechar os olhos”, “correr as cortinas”, para evitar o turbilhão causado através do pensar:

Que idéia tenho eu das cousas?

Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma

E sobre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos

E não pensar. É correr as cortinas

Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

(Pessoa, 2006, p. 38)

A atenção flutuante é necessária para o movimento contínuo de desaprender-aprender quanto à dinâmica, as vivências e as falas do paciente, entretanto há de se considerar que deverá haver a circulação e a transformação dos conteúdos manifestos para latentes. Assim, para a psicanálise, existe “mistério por trás das coisas”. Para isso, como visto na regra fundamental da psicanálise, existe a associação livre, direcionada ao paciente, e a atenção flutuante orientada ao analista.

A técnica psicanalítica adota como constructos para o processo de mudança e autoconhecimento orientados ao tratamento a transferência produzida pelo paciente e a contratransferência, que seria a reação aos conteúdos deste, mas mobilizada no analista. Com isso, na contratransferência o analista deveria voltar-se para seu próprio inconsciente como um órgão receptor, em direção ao inconsciente transmissor do paciente, de modo que os inconscientes se comuniquem, a fim de reconstruir e buscar denominar os conteúdos ocultos do analisando. Também, na contratransferência, há a produção de sensações, que serão interpretadas e devolvidas rumo à evolução do paciente.

Os meios de usar as capacidades mentais do analista positivamente e para fins terapêuticos cruciais podem ser verificados na seguinte passagem:

Tenho a convicção de ser antes de mais nada uma questão de tato psicológico o saber quando e como se comunica algo ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para se tirar conclusões; que roupagem dar à comunicação se for o caso; como reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e esperar outras associações; em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. [...] Mas o que é tato? A resposta não é difícil. O tato é a faculdade de “sentir com” (*Einfühlung*) [empatia]. Se conseguirmos, com a ajuda do nosso saber, tirado da dissecação de muitos psiquismos humanos, mas, sobretudo, da dissecação de nosso Eu, se conseguirmos, então, tornar presentes as associações possíveis ou

prováveis do paciente, as associações que ele ainda não percebe, podemos – não tendo, como ele, que lutar com resistências – adivinhar não só seus pensamentos retidos mas também suas tendências inconscientes (Ferenczi citado por Figueira, 1994, p. 87).

Ainda sobre o material fornecido pelo paciente, o estado de intuição desenvolvido por Bion (1967/2016) vai muito além da percepção pelos órgãos dos sentidos e pelo raciocínio lógico, qual um “terceiro olho”: abre-se a percepção do analista para sentimentos indizíveis e não-visíveis. Pode-se imaginar que o estado de mente seria bem-vindo, já que desejos e memórias não o são.

A literatura, assim como a psicanálise, portanto, “nos ensinam a ver como se víssemos pela primeira vez”, abstraindo-se o fato do que já foi visto com um novo olhar (Moisés, 2007, p. 69). Assim, para saber do outro, é necessário sair de si a fim de captar a objetiva individualidade alheia; para saber de si, é preciso afastar-se da subjetividade e converter a consciência em olhar neutro, real ou simulado, capaz de apreender-se como objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher o estudo do sensacionismo – uma proposta da estética de Alberto Caeiro – e a atenção flutuante –, uma técnica da psicanálise iniciada por Freud, buscou-se refletir acerca desses dois conceitos vindos de dois campos de conhecimentos que se influenciam. Tendo em vista o objetivo de apresentar uma leitura acerca das imagens produzidas pela poesia de Alberto Caeiro, o qual propõe que o sujeito deva estar livre e aberto aos estímulos produzidos pelas sensações, ou seja, deve-se estar em um eterno movimento de aprendizado e desaprendizado que constituiria uma perpétua novidade das coisas e do mundo. O poeta, em seu processo criativo espontâneo, aponta a busca pela simplicidade e pela naturalidade das coisas.

O realismo ingênuo pretendido por Caeiro crê na percepção das coisas realmente, isto é, os sentidos direcionam a representação do mundo: não nega haver ilusões da percepção, mas reivindica a forma com que os objetos são apresentados, não estando na mente, mas fora dela. O poeta deseja estar distante do realismo científico, contudo, ao adotar a teoria do não-pensar, valoriza a impossibilidade de uma realidade pré-

discursiva, ou seja, a incapacidade para se abarcar o inassimilável diante das experiências da existência, o desconhecido, o infinito.

Para a psicanálise, como um campo científico, a técnica da atenção flutuante não pressupõe a busca por uma neutralidade diante dos fatos narrados na sessão, mas um grande envolvimento para se buscar aquilo que é o mais importante, ou seja, o desconhecido, que em algum momento deverá ser refletido, pensado pela dupla e simbolizado. Para o máximo de intuição da psicanálise, há de se considerar a abertura aos órgãos dos sentidos, o que possibilitará a novidade e, conseqüentemente, o curso das novas aprendizagens sobre o analisando. Entretanto, ao contrário de Caieiro, que diz “não há mistérios por trás das coisas”, para a psicanálise há mistérios por trás das coisas, isto é, conteúdos inconscientes que deverão ser desvendados.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (2016). Wilfred Bion: notes on memory and desire. Recuperado em 20 nov. 2014 de: <<http://braungardt.trialectics.com/sciences/psychoanalysis/bion/bion-memory-desire/>>. (First published in 1967)
- Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. (Trad. Paulo Dias Corrêa). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Bollas, C. (2012). *A questão infinita*. (Trad. Ronaldo Cataldo Costa). Porto Alegre: Artmed.
- Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. (Trad. Marta Petriccioni). Porto Alegre: Artmed.
- Figueira, S. A. (1994). *Freud e a difusão da psicanálise: estudos sobre a estrutura e funcionamento do campo psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Fingermann, D. O. (2007). O que falar quer dizer? *Revista IDE*, São Paulo, 45, 24-27.
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia*. (Trad. Faria Gabbi Junior). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em (1907 [1906])

- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em (1912)
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923 [1922])
- Freud, S. (1996). Esboço de Psicanálise. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXXIII. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1940 [1938]
- Freud, S. (2010). O inquietante. In Freud, S. [Autor], *A inquietante história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Cia das Letras. (Original publicado em 1919)
- Forbes, J. (2009). Lacan e a psicanálise do século XXI. Lacan para os desesperados da crise. *Invenção do contemporâneo*. Recuperado em 09 mar. 2014 de <www.cpfcultura.com.br/.../lacan-e-a-psicanalise-do-seculo-xxi-jorge-forbes>.
- Meneses, A. B. (2015). A literatura e a organização da experiência. In Barone, L. M. C. (Coord.), Arruda, A. P. B., Fraize-Perreira, J. A., Sadi, L., Freitas, S. R. M. S. (Orgs.). *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (1995). *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Moisés, C. F. (2007). *Poesia & utopia: sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Nasio, J.-D. (2010). *O silêncio na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Paz, O. (1982). *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Pessoa, F. (2006). *Poemas completos de Alberto Caetano*. São Paulo: Martin Claret.
- Rancière, J. (2009). *O inconsciente estético*. (Trad. Mônica Costa Netto). São Paulo: Editora 34.
- Reis, C. (s.d.) *Literatura portuguesa moderna e contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Sampaio, C. P. (2005). Conjunções entre psicanálise e literatura. In: Barone, L. M. C. (Coord.). Arruda, A. P. B., Fraize-Perreira, J. A., Sadi, L., Freitas, S. R. M. S. (Orgs.). *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sandler, P. C. (2000). *A apreensão da realidade psíquica*, v. IV: turbulência e urgência. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 14/03/2017

Aprovado em 30/08/2017